



Sobre Diferenças e Proximidades Entre Antonio Gramsci e a Escola de Frankfurt¹

Carlos Agostinho Almeida de Macedo COUTO²
Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz/MA

RESUMO

Visto por muitos, e importantes, autores como divergente, o pensamento de pensadores da Escola de Frankfurt e Antonio Gramsci é analisado e comparado. A partir do estudo das obras de autores como Teodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, entre outros, faz-se um contraponto com a obra do pensador italiano, apontando-se diferenças e congruências nas acepções teóricas e a importância das proximidades nos pensamentos para a compreensão de ambos os conteúdos na contemporaneidade. O trabalho indica, nos excertos das obras, onde se encontram essas relações.

PALAVRAS-CHAVE: teoria; comunicação; cultura; política; hegemonia.

É algo corrente no meio acadêmico a afirmação de que o trabalho de Antonio Gramsci e o dos autores da Escola de Frankfurt (principalmente Max Horkheimer e Teodor Adorno) é conflitante. Como exemplo tem-se a posição de intelectuais de renome do Brasil, como Luís Werneck Vianna³:

A extrema originalidade da teoria gramsciana diante do pensamento então em voga, no marxismo e fora dele, encontra aí um dos seus momentos mais expressivos, que deve ser confrontado com a produção dos intelectuais da Escola de Frankfurt, principalmente Horkheimer e Adorno, que, após a derrota dos partidos operários na Alemanha hitlerista, mantiveram-se em atitude de desconfiança quanto ao moderno, que será responsável pelo *kulturpessimismus* a que concederam legitimidade teórica. Na ponta oposta, Gramsci, prisioneiro político da barbárie fascista, sem se entregar ao ceticismo, promove uma dura crítica da cultura européia, com seus Estados sob a influência da ‘camada de chumbo’ de supra-estruturas parasitárias, ao mesmo tempo em que celebra o que há de moderno e tendente à universalização no fordismo-taylorismo da economia americana. (GRAMSCI, 2001, apresentação)

E Leandro Konder⁴:

Luiz Werneck Vianna sublinha a originalidade da abordagem gramsciana da modernidade, sua disposição não só para criticá-la em seus aspectos negativos, mas também para reconhecer suas conquistas e assimilar seus aspectos positivos (evitando a unilateralidade da condenação veemente que se encontra, por exemplo, em Adorno e Horkheimer, pensadores clássicos da ‘Escola de Frankfurt’). Gramsci observa que, na sociedade capitalista norte-

¹ Trabalho apresentado no GT Teorias da Comunicação, do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - Campus II.

³ Cientista político e professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ. Foi diretor do IUPERJ (1988-1999) e presidente da ANPOCS (2003-2004). É autor de *Liberalismo e sindicato no Brasil* (2000), *Revolução passiva – iberismo e americanismo no Brasil* (2004), entre outros. Organizou a coletânea *A democracia e os três Poderes no Brasil* (2003).

⁴ Filósofo e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Entre outros, publicou: *Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista* (1967), *Marx - Vida e Obra*. (1968), *O que é Dialética?* (1981), *Walter Benjamin: O marxismo da melancolia* (1988), *A questão da ideologia* etc.



americana, apesar das características intrinsecamente perversas do sistema, se constata a inexistência de ‘classes absolutamente parasitárias’, e isso se liga a um vigor extraordinário na indústria e no comércio. (KONDER, 2001)

Ambas as posturas decorrentes da análise da edição brasileira dos Cadernos do Cárcere.⁵ Essa posição leva à curiosidade acadêmica sobre a questão, considerando-se a importância intelectual dos professores citados. São tão evidentes assim as diferenças entre os dois pensamentos? Em nada se aproximam aqueles autores?

A bem da verdade, diferenças são perceptíveis na produção dos autores citados. O prolapado pessimismo dos teóricos de Frankfurt em relação à sociedade capitalista, compreendida como consequência do racionalismo iluminista, é evidente em várias obras, assim como a expectativa otimista de Gramsci em relação à possibilidade de evolução da sociedade no sentido de uma inversão hegemônica.

DIVERGÊNCIAS EXPLÍCITAS

Um dos eixos temáticos da Escola de Frankfurt, a Dialética do Esclarecimento⁶, faz uma crítica ao Iluminismo, afirmando que, se de um lado o movimento trouxe o rompimento com o mundo mágico, ligado à emoção, ao misticismo, levando o homem a desenvolver-se e valorizar-se, por outro, a razão e a evolução tecnológica não libertaram o homem, não elevaram a sociedade a um estágio superior.

A crítica se baseia no fato de que a racionalidade técnica na sociedade capitalista, em lugar de garantir a autodeterminação dos indivíduos, os submeteu à dominação econômica. Consequência desse pensamento, criou-se o termo Indústria Cultural⁷, que trata da produção em série, da homogeneização e da deteriorização dos padrões culturais, passando a exploração comercial dos chamados bens culturais a reforçar a dominação técnica, imposição do sistema, e a gerar passividade no público.

Os padrões teriam resultado originalmente das necessidades dos consumidores: eis porque são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas, o

⁵ Ver GRAMSCI, Antonio, Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000 . 6V.

⁶ Obra de referência dos teóricos de Frankfurt da segunda fase, onde conceitos fundantes daquele pensamento são indicados, como a crítica ao Iluminismo e o conceito de Indústria Cultural. ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

⁷ Termo utilizado pela primeira vez em 1947 na obra *A Dialética do Esclarecimento*, de Horkheimer e Adorno, visando a estabelecer uma diferença entre cultura de massa (vinda, para eles, da própria massa) e a cultura imposta pelos meios de comunicação (ver BENJAMIN, Walter et al. Textos escolhidos. 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983)



cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença ente a lógica da obra e do sistema social. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 114).

A partir desse conceito, sob a égide da mercantilização da cultura, desenvolvem-se discussões que, mesmo algumas vezes contrárias ao pensamento frankfurtiano, baseiam-se nos estudos iniciados por aqueles intelectuais. Membro da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse, um dos principais destaques do grupo na Europa, na obra *O Homem Unidimensional*⁸ pretendeu desmascarar as chamadas novas formas de dominação política, baseadas na racionalidade técnica.

Associam-se a essas idéias nomes como Jurgen Habermas, também de origem frankfurtiana, que – mesmo considerando a existência de um *espaço público* de mediação entre o Estado e a sociedade que permitiria a discussão pública e a troca de argumentos entre os indivíduos – adota, na crítica à racionalidade técnica, as teses de Adorno e Horkheimer, pois, para ele: “a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas enquanto tecnologia, e esta garante a formidável legitimação do poder político em expansão que absorve todas as esferas da cultura” (HABERMAS, 1983, p. 315).

Um ponto de vista contrário, embora baseado nas discussões da Escola de Frankfurt, dá conta de que aqueles pensadores não perceberam o potencial disseminador, conseqüentemente democratizante, do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e da propagação da cultura através deles. É tecida também uma crítica no sentido de que as discussões anteriores privilegiavam uma concepção de arte elitista, para poucos, representada por uma certa sacralização da obra de arte (portanto da cultura), que somente poderia ser compreendida pelas mentes mais “privilegiadas”, que entendiam que, no acesso dado às massas, não haveria ganho por parte dessas, mas desvalorização da arte, como produto comercial.

Componente da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin começa a delinear essa crítica quando afirma que a reprodução, e disseminação através dos meios de

⁸ Em “O Homem Unidimensional” (1982). MARCUSE anuncia a anulação do pensamento crítico pela racionalidade instrumental, como afirma MATTELART (1999, p.81): “sob a aparência de um mundo cada vez mais modelado pela tecnologia e pela ciência, manifesta-se a irracionalidade de um modelo de organização da sociedade que subjuga o indivíduo, em vez de libertá-lo. A racionalidade técnica, a razão instrumental reduziram o discurso e o pensamento a uma dimensão única, que promove o acordo ente a coisa e sua função, entre a realidade e a aparência, a essência e a existência. Essa ‘sociedade unidimensional’ anulou o espaço do pensamento crítico.”



comunicação, dos bens culturais determina a perda da chamada “aura” da obra de arte, no sentido de uma coisa única, singular, portanto disponível para poucos:

Na época das técnicas de reprodução, o que é atingido na obra de arte é a sua aura. Esse processo tem valor de sintoma, sua significação vai além do terreno da arte. Seria impossível dizer, de modo geral, que as técnicas de reprodução separam o objeto reproduzido do âmbito da tradição. Multiplicando as cópias, elas transformam o evento produzido apenas uma vez num fenômeno de massas. (BENJAMIN, 1983, p. 8)

Esse pensamento indica que, se o conceito de indústria cultural determina um risco de padronização com objetivos econômicos e para o controle da sociedade, demonstra também uma certa nostalgia da produção cultural anterior às técnicas de reprodução, portanto de acesso restrito. Mesmo Habermas, que seguiu o pensamento principalmente de Adorno com maior rigor, admite uma concepção diferenciada da reprodução industrial da cultura quando supõe a existência de um espaço público, entendendo que o conjunto da sociedade tem uma capacidade potencial de restaurar suas formas de comunicação, independente da influência dos meios de comunicação de massa, o que fica claro no seu conceito de *agir comunicativo* como uma “interação mediatizada simbolicamente. Ela se rege por normas que valem obrigatoriamente, que definem as expectativas de comportamento recíprocas e que precisam ser compreendidas e reconhecidas por, pelo menos, dois sujeitos agentes.”(HABERMAS, 1983, P. 321)

Quanto à crítica à modernidade no pensamento frankfurtiano, denunciada pelos intelectuais brasileiros, suas evidências são constantes em diversas obras daqueles pensadores, com destaque para a já citada *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, que talvez fundamente originalmente a postura dita pessimista dos autores da Escola em relação à modernidade. O estudo foi desenvolvido durante o exílio dos teóricos de Frankfurt nos Estados Unidos, vinculados à Universidade de Columbia, em Nova Iorque, entre 1934 e 1950.

O moderno, o industrial, é criticado como uma deturpação do discurso iluminista. No Iluminismo, baseado na ciência e por meio da política, o homem rompe com o mito medieval, movimento marcado, por exemplo, pela separação entre igreja e Estado ocorrida após a Revolução Francesa de 1789, mas essa idéia é criticada:

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si* torna *para-ele*. Nessa metamorfose,



a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 24).

A crítica à modernidade está baseada nessa visão original sobre o Iluminismo. A crítica específica à sociedade capitalista, por sua vez, é demonstrada através do estudo do desenvolvimento do capitalismo utilizando as sociedades alemã, no período entre-guerras, e americana como objeto. A realidade alemã serve de esteio para uma análise com um enfoque político em relação à dominação a partir da crítica à postura, e às conquistas, de Adolf Hitler e ao envolvimento da sociedade alemã com seu ideário. Já o exemplo americano, relaciona a relação exploração econômica X dominação.

Os autores citam abertamente o rádio como uma referência do projeto de persuasão nazista. Apresentando-se com um desinteresse aparente por não cobrar dos ouvintes nada pelos seus produtos culturais, o rádio contém, entretanto, na sua programação e forma de utilização, forte carga ideológica, responsável pela divulgação do ideário nazista: “os próprios nacional-socialistas sabiam que o rádio dera forma à sua causa, do mesmo modo que a imprensa fizera para a Reforma” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 149). A análise, porém, da disseminação dos chamados bens culturais é mais explícita na crítica à sociedade americana, que aborda, além do rádio, a TV e o cinema.

Os exemplos citados, além das comparações com clássicos da ópera, do teatro e da música, são na grande maioria americanos ou produzidos por eles, como o cinema (Warners Brothers e Metro Goldwyn Mayer), música (jazz), personagens e artistas (Pato Donald e Greta Garbo, que, apesar de sueca, trabalhou em Hollywood), através dos quais se expressa o propalado pessimismo dos teóricos de Frankfurt e, onde também, se fundamenta a contradição entre esses intelectuais e Antonio Gramsci, no tocante à sociedade americana.

Isso se faz sem cerimônia, com referências diretas, como nos exemplos destacados, ou por citações específicas. Numa crítica ao esquematismo – resultante da percepção dos consumidores como simples material estatístico – do procedimento da indústria cultural, Adorno e Horkheimer comparam as produções cinematográficas americanas com os produtos de grandes montadoras de automóveis do país (no caso a Chrysler e a General Motors). Para eles, não há diferenças significativas entre o resultado ou efeito das produções. Se, de um lado, nos automóveis, as diferenças se reduzem à potência, número de lugares e acessórios, de outro, no caso do cinema, as diferenças se dão somente na quantidade de estrelas, no aparato técnico ou na opção de



sedução psicológica, permanecendo inalterados os critérios de reprodutibilidade e uniformização. Em outro momento tem-se:

Não é à toa que o sistema da indústria cultural provém dos países industriais liberais, e é neles que triunfam todos os seus meios característicos, sobretudo o cinema, o rádio, o jazz e as revistas. É verdade que seu projeto teve origem nas leis universais do capital (...), a dependência econômica em face dos Estados Unidos, em que se encontrou o continente europeu depois da guerra e da inflação, teve uma parte nesse processo. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 124)

Essa explanação serve para demonstrar em que se baseiam os intelectuais, incluindo-se os brasileiros, que apontam as diferenças entre a postura da Escola de Frankfurt e o pensamento gramsciano, explicitando o suposto conflito.

De nenhuma maneira se pode considerar que a análise de Antonio Gramsci, por sua vez, da sociedade americana, e das questões da modernidade, seja acrítica. Com certeza, nem mesmo os autores que expõem as diferenças entre esse autor e os de Frankfurt têm essa concepção. Mesmo considerando a diferença de postura entre as visões, no tocante às características do desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos, ambas as posturas são críticas. Uma importante diferença é a de que Gramsci se utiliza, na sua análise, de peculiaridades da sociedade americana para criticar a sociedade européia, notadamente a italiana. Os autores da Escola de Frankfurt não seguem essa linha.

Adorno e Horkheimer chegam a afirmar que o atraso político-tecnológico da Europa – herança do absolutismo – determinou, paradoxalmente, uma certa preservação dos bens e manifestações culturais em relação ao mercado. “Isso resguardou a arte em sua fase tardia contra o veredicto da oferta e da procura e aumentou sua resistência muito acima da proteção de que desfrutava de fato” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 124). Já Gramsci tem uma outra compreensão. Para ele, a economia americana, leia-se concepção taylorista e prática fordista⁹, apresenta uma série de características dignas de nota, o que o faz compará-las com a situação político-econômica da Europa, analisando as determinações históricas dos problemas europeus, assim como as questões ligadas à sua contemporaneidade. O autor considera que “o americanismo e o fordismo resultam de necessidade imanente de chegar à organização de uma economia programática” (GRAMSCI, 2001, p. 241), ou um planejamento socialista da economia.

⁹ “O industrial americano Henry Ford (1863-1947) funda em 1903 a Ford Motor Company, que pouco tempo depois se tornaria a maior fábrica de automóveis do mundo. O fordismo assinala uma etapa fundamental na organização do processo produtivo industrial no capitalismo. Baseia-se na ‘organização científica do trabalho na fábrica’, teorizada por Frederic Winslow Taylor (1856-1915). O taylorismo propõe o estabelecimento de um processo de trabalho fundado na subdivisão racional dos movimentos e no acompanhamento sistemático dos tempos, visando assim a eliminar as peculiaridades individuais e a atingir uma estandardização do desempenho”. (GRAMSCI, 2001, p. 367)



Percebe-se aí a compreensão da experiência americana como um momento do desenvolvimento do capitalismo que contribuirá para a sua própria superação, expressando o pensamento marxista, pela ordem: capitalismo-socialismo-comunismo.

Nesse sentido, Gramsci reconhece as mudanças impostas pelo modelo taylorista-fordista como importantes e merecedoras de estudo. Segundo ele, o método americano é uma “forma moderníssima de produção e de modo de trabalhar” (GRAMSCI, 2001, p. 242), inconciliável, também para ele, com a “velha e anacrônica estrutura social-demográfica européia”. (GRAMSCI, 2001, p. 242).

As críticas à sociedade européia e às conseqüências de sua organização são evidentes no trabalho de Gramsci, notadamente na parte escolhida como objeto deste estudo. A comparação das experiências – européia e americana – demonstra o que se pode chamar de celebração, por parte de Gramsci, do moderno e da experiência americana, ou do americanismo. O autor expressa uma profunda crítica ao modelo europeu pela sua conformação histórica, que gerou, por exemplo, “uma pequena e média burguesia de ‘pensionistas’ e ‘rentistas’” (GRAMSCI, 2001, p. 245), baseada na exploração da propriedade rural por burgueses urbanos, “em meação primitiva (ou seja, com o aluguel pago *in natura* ou em serviços) ou em enfiteuse” (GRAMSCI, 2001, p. 245), situação denominada por ele de parasitismo.

Exemplos também de parasitismo, segundo Gramsci, são os resultantes da forma de administração estatal, onde grande parte da população vive às custas do Estado, com aposentadorias precoces no setor público, em contraste com a situação dos operários e dos trabalhadores rurais. O status fornecido pela ligação com a igreja, no caso de parentesco com religiosos, é apontado também, numa demonstração da sua concepção de Estado Ampliado, como uma relação de parasitismo dentro da sociedade européia. A experiência italiana é utilizada como exemplo, porém esse modelo se repetiria por todos os países da Europa e mesmo na Índia e na China.

Nos Estados Unidos, segundo Gramsci, a situação não se repete:

A América não tem grandes ‘tradições históricas e culturais’, mas tampouco está sufocada por esta ‘camada de chumbo’: é esta uma das principais razões – certamente mais importante do que a chamada riqueza natural – de sua formidável acumulação de capitais, malgrado o nível de vida de suas classes populares ser superior ao europeu. A inexistência dessas sedimentações viscosamente parasitárias, legadas pelas fases históricas passadas, permitiu uma base sadia para a indústria e, em especial, para o comércio, possibilitando a redução cada vez maior da função econômica representada pelos transportes e pelo comércio a uma real atividade subordinada à produção. (GRAMSCI, 2001, p. 247).



Gramsci considera também que a crítica enunciada pelos europeus ao americanismo, taxando-o de grosseiro, brutal, mecanicista e contrapondo-o à tradição, é filosoficamente incorreta, contraditória.

Esta contradição pode explicar muitas coisas: por exemplo, a diferença entre a ação real, que modifica essencialmente tanto o homem como a realidade exterior (isto é, a cultura real), que é o americanismo, e o ridículo espírito de gladiador que se autoproclama ação e que só modifica as palavras e não as coisas, o gesto exterior e não o interior do homem. A primeira está criando um futuro que é intrínseco à sua atividade objetiva e sobre o qual se pretende não falar. O segundo, cria apenas fantoches aperfeiçoados, recortados segundo um figurino retoricamente prefixado, e que se reduzirão a pó quando forem cortados os fios externos que lhe dão a aparência de movimento e de vida. (GRAMSCI, 2001, p. 254)

O autor demonstra assim que críticas à realidade americana, impostas de certa forma aos países da Europa, são procedentes, embora não pelo enfoque adotado pelos críticos de então que comparavam a objetividade com a tradição.

Apesar das aparentes contradições apresentadas entre o pensamento dos teóricos da Escola de Frankfurt e de Antonio Gramsci, aqui expostas para demonstrar o que as fundamenta, interessa a este trabalho as congruências nas obras. Pontos em que se pode reconhecer proximidades no pensamento dos autores citados.

PROXIMIDADES IMPLÍCITAS

Um primeiro ponto em que se podem indicar proximidades reside em um formato teórico original frankfurtiano e indica que são esses autores os defensores da teoria crítica, radicalmente contrária à simples pesquisa administrativa¹⁰ – “meras técnicas de pesquisa, de recolha, de classificação de dados” (WOLF, 1992 p. 72) – e credora de uma lógica crítica e atuante, como conceitua MARCUSE: “Os fins específicos da teoria crítica são a organização de uma vida em que o destino dos indivíduos seja dependente não já do acaso e da cega necessidade de incontrolados laços econômicos, mas da realidade programada das possibilidades humanas” (Apud WOLF, 1992, p. 73)

O que também se evidencia em ADORNO e HORKHEIMER:

A função da teoria crítica torna-se clara se o teórico e a sua atividade específica são considerados em unidade dinâmica com a classe dominada, de

¹⁰ Para os Frankfurtianos, a teoria crítica indicaria necessariamente a necessidade de os dados recolhidos em pesquisas indicarem sua dinâmica histórica, na inclusão da sociedade como um todo. Embora não se deva resumir a isto, a concepção de pesquisa administrativa fica clara no pensamento de Paul Lazarsfeld sobre como a essas pesquisas interpretam os *mass media*: “instrumentos utilizados para atingir determinados objetivos: vender mercadorias, elevar o nível intelectual da população ou melhorar a sua compreensão das políticas governamentais. Seja como for, a pesquisa tem por função tornar o instrumento comunicativo mais compreensível e conhecido para quem o quiser utilizar para uma finalidade específica, de modo a facilitar seu uso (Apud Wolf, 1992, p. 82)



tal modo que a exposição das contradições sociais não seja meramente uma expressão da situação histórica concreta, mas também um fator que estimula e que transforma. O desenrolar do confronto entre os setores mais progressistas da classe e os indivíduos que exprimem a verdade dela, e, além disso, o confronto entre esses setores inclusive os seus teóricos e o resto da classe, se entende como um processo de efeitos recíprocos, no qual a consciência desenvolve, junto com suas forças libertadoras, suas forças estimuladoras, disciplinadoras e violentas. O vigor deste processo se manifesta na possibilidade constante de tensão entre o teórico e a classe a qual se aplica o seu pensar. (ADORNO E HORKHEIMER, 1983, p.136)

Como os defensores da teoria crítica, esses intelectuais são, a princípio, adeptos da crença na mudança possível (assim como Gramsci), inclusive a partir da ciência. Se assim não fosse, redundar-se-ia em uma grande contradição.

Mas é de se admitir que, em relação às análises dos meios de comunicação, teóricos de Frankfurt como Adorno e Horkheimer, não são otimistas quanto à sua utilização dentro de uma ótica libertadora, e aí residem, principalmente, contradições e diferenças com as idéias de Gramsci, adiante indicadas.

Assim como os teóricos de Frankfurt, mas em menor escala tendo em vista o exposto, Gramsci também estabeleceu críticas ao Iluminismo, ao analisar a política na França. Para ele, o movimento criou “uma série de mitos populares, que eram apenas a projeção no futuro das mais profundas e milenares tradições das grandes massas” (2000, p. 100), citando explicitamente o mito “simplista de um fantástico passado monárquico francês” (2000, p.100) para justificar as concepções revisionárias do movimento.

Do ponto de vista da mediação, Gramsci considera que a hegemonia determina uma direção intelectual e moral, devendo ser exercida no campo das idéias e da cultura, capacitando a classe subalterna à conquista do consenso, ou a dominante à manutenção do mesmo.

Nesse aspecto, uma rede articulada de instituições culturais, que servem à classe dominante como instrumento de repasse da sua ideologia, Gramsci nomeia de *aparelhos privados de hegemonia*, incluindo-se aí a Escola, a Igreja e os meios de comunicação que objetivam a persuasão, o convencimento, a subordinação passiva, por intermédio da ideologia, das classes objeto de exploração, o que demonstra que a direção desses aparelhos serve à dominação, por determinar um estado de passividade moral e política. Mas, sendo a concepção dialética, permite a compreensão de que a disputa pela hegemonia há de servir também às classes subalternas na busca da inversão para classe hegemônica, aí incluídas as formas de mediação, como os meios de comunicação, a Escola e a Igreja. O embate, então, teria que se dar nas instâncias econômica e política, mas também na esfera da cultura.



Nesses fundamentos, as obras dos teóricos de Frankfurt e a de Gramsci demonstram relações importantes, sob a ótica aqui apontada, e que podem ser explicitadas. Na contramão das concepções pessimistas dos frankfurtianos está Walter Benjamim que, assim como Gramsci, considera a possibilidade de utilização de recursos (para Gramsci, os aparelhos privados de hegemonia) capazes de inverter a lógica hegemônica. Mesmo reconhecido como um dos integrantes da Escola de Frankfurt, Benjamim, não compactua com a visão niilista de que os meios de comunicação somente poderiam ser utilizados para a manutenção da ordem já estabelecida.

E ele cita o cinema como potencialmente desalienante, detentor de uma possibilidade revolucionária.

Na realidade, quando se considera uma estrutura perfeitamente ajustada ao âmago de determinada situação (como o músculo no corpo), não se pode estipular se a coesão refere-se principalmente ao seu valor artístico, ou à exploração científica passível de ser concretizada. Graças ao cinema – e aí está uma de suas funções revolucionárias – pode-se reconhecer, doravante, a identidade entre o aspecto artístico da fotografia e o seu uso científico, até então amiúde divergentes.

Procedendo ao levantamento das realidades através de seus primeiros planos que também sublinham os detalhes ocultos nos acessórios familiares, perscrutando as ambiências banais sob a direção engenhosa da objetiva, se o cinema, de um lado nos faz enxergar melhor as necessidades dominantes sobre nossa vida, consegue, de outro, abrir imenso campo de ação do qual não suspeitávamos. (BENJAMIN, 1983, p. 22)

O domínio das técnicas de concepção das obras de arte também poderia estar a serviço de uma lógica de transformação, como afirma FERREIRA JÚNIOR:

Benjamim aponta para a importância até mesmo da imprensa no sentido de colocá-la como instância determinante sem a qual a idéia de autor como produtor não se completaria.

Mesmo reconhecendo que a imprensa, na sociedade capitalista, encontra-se nas mãos do capital, o pensador alemão não escamoteia nem diminui a importância de manejar um instrumento que proporciona um processo de experimentação intensa [...]. Em síntese, Benjamim deixa claro o papel da técnica como elemento definidor de uma localização dentro da estrutura social, mas posiciona-a também como agente transformador da realidade, embutindo novos progressos materiais. (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p.42-43)

O que é ratificado na obra de Benjamim: "o autor como produtor experimenta – à medida que ele experimenta a sua solidariedade com o proletariado – imediata solidariedade com certos outros produtores que antes não significavam muito para ele". (BENJAMIM, 1991, p. 195)

Esse autor, porém, teve vida breve¹¹ e, apesar de cada vez mais estudado e reconhecido, não conviveu com o período mais crítico dos intelectuais da Escola de

¹¹ Nasceu em Berlim e estudou filosofia. Em 1919, morando na Suíça, escreveu sua tese de doutorado: *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. Apresentou em 1923 sua tese de livre-docência: *A Origem do Drama Barroco Alemão*, que foi recusada. Manteve-se ligado aos teóricos marxistas da Escola de Frankfurt (Adorno, Marcuse, Fromm). Com a ascensão do nazismo, saiu da Alemanha. Na Dinamarca, escreveu "A obra de



Frankfurt, aquele passado nos Estados Unidos por conta da perseguição nazista e no qual se criou a expressão e o conceito indústria cultural. Mas aqui se defende que, mesmo com os autores considerados mais pessimistas, proximidades podem ser apontadas.

Uma relação, original, entre os autores seria a base teórica de que partiram. Tanto os intelectuais da Escola de Frankfurt – principalmente da sua primeira fase, fundada por Carl Gruenberg, até o período em que foi dirigida por Adorno, no final da década de 1960 – quanto Antonio Gramsci apresentam o marxismo como fundamento teórico, neste último ilustrado através dos estudos sobre a filosofia da práxis. Mas as proximidades não se resumem a esse ponto.

Se tanto os frankfurtianos quanto Gramsci analisam os aspectos econômicos que influenciam as sociedades, nos estudos do autor italiano podem-se encontrar referências diretas a um dos objetos específicos dos estudos sobre a indústria cultural: os meios de comunicação, tão caros aos estudiosos alemães.

A arte da imprensa (...) revolucionou todo o mundo cultural, dando à memória um subsídio de valor inestimável e permitindo uma extensão inaudita da atividade educacional. Nesta investigação, portanto, está implícita outra, a das modificações qualitativas, além das quantitativas (extensão de massa), trazidas ao modo de pensar pelo desenvolvimento técnico e instrumental da organização cultural.

Também hoje a comunicação falada é um meio de difusão ideológica que tem uma rapidez, uma área de ação e uma simultaneidade emotiva enormemente mais amplas do que a comunicação escrita (o teatro, o cinema e o rádio, com a difusão de alto-falantes nas praças, superam todas as formas de comunicação escrita, desde o livro até a revista, o jornal, o jornal mural). (GRAMSCI, 2001, p. 67).

Os conceitos, por assim dizer, se confundem sob essa ótica. Já se percebem aí proximidades entre os dois discursos.

Tais concepções demonstram o papel fundamental que o embate cultural tem, ou pode ter, na manutenção da realidade, como também na construção de uma outra. Nesse campo, a disseminação de bens culturais através dos meios de comunicação poderá estar a serviço de uma ou outra realidade, considerada a disputa pela conquista da hegemonia, assim como pela manutenção da mesma.

Nesse ponto, mais uma vez, os discursos se relacionam.

arte na era da sua reprodutibilidade técnica"(1936). Em Paris, estudou a poesia de Baudelaire e alimentou o projeto de um livro que se intitularia: *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*; e pretendia examinar o desenvolvimento das arcadas e dos novos distritos de compras na cidade de Paris, (*Passagens Parisienses -Das Passagenwerk*). Em 1940, após a entrada de tropas alemãs entram na cidade, Benjamin foge, mas quando descobre que é impossível atravessar a fronteira franco-espanhola, suicida-se. Outras obras: *Via de Mão Única* (1928); *Paris, Capital do século XIX*; *Teses Sobre o Conceito de História* (1940); *Origem do Drama Barroco Alemão*.



Gramsci, mesmo considerando que havia algumas condições preliminares na sociedade americana, como a falta da chamada tradição histórica e a inexistência de relações parasitárias, reconhece que essas condições, apesar de apresentarem facilitadores, não foram suficientes para determinar o desenvolvimento do capitalismo como se deu, sendo necessário “racionalizar a produção e o trabalho, combinando habilmente a força (destruição do sindicalismo operário de base territorial) com a persuasão (altos salários, diversos benefícios sociais, habilíssima propaganda ideológica e política)” (GRAMSCI, 2001, p. 247), afirmando ainda que “a hegemonia nasce da fábrica e necessita apenas, para ser exercida, de uma quantidade mínima de intermediários profissionais da política e da ideologia”. (GRAMSCI, 2001, p. 248). Na sociedade de massas a estrutura domina as superestruturas, racionalizando-as.

Quais seriam, ou poderiam ser, esses intermediários profissionais da política e da ideologia citados por Gramsci? Para os teóricos de Frankfurt, os meios de comunicação de massa.

E a racionalização, decorrente do domínio das superestruturas pela estrutura, como em Gramsci, também é demonstrada pelos frankfurtianos:

Se, em nossa época, a tendência social objetiva se encarna nas obscuras intenções subjetivas dos diretores gerais, estas são basicamente as dos setores mais poderosos da indústria: aço, petróleo, eletricidade, química. Comparados a esses, os monopólios culturais são fracos e dependentes. Eles têm que se apressar em dar razão aos verdadeiros donos do poder para que sua esfera na sociedade de massas (...) não seja submetida a uma série de expurgos. A dependência em que se encontra a mais poderosa sociedade radiofônica em face da indústria elétrica, ou a do cinema relativamente aos bancos, caracteriza a esfera inteira, cujos setores individuais por sua vez se interpenetram numa confusa trama econômica..(ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 115).

Pode-se concluir, até de certa forma elementarmente, que os meios de comunicação de massa estudados pelos autores de Frankfurt atuam como intermediários da ideologia (ou aparelhos privados de hegemonia), no conceito de Gramsci, indicando proximidades na comparação das obras.

O que fundamentalmente aproxima os pensamentos até aqui expostos é a concepção de que a persuasão e o controle ideológico, cuja gênese está no campo do trabalho e da produção, ocorrem em outras esferas ou instâncias que não necessariamente o ambiente da fábrica (do trabalho).

CONSIDERAÇÕES



Gramsci aborda a conquista, ou manutenção, da hegemonia, para além dos campos específicos do trabalho, ao reconhecer que a difusão do pensamento e prática do americanismo se vale de valores e instituições, em rápida análise, que não teriam, a princípio, esse fim. Em contraposição à tradição europeia da maçonaria e dos jesuítas, os americanos se utilizam do Rotary Club e da Associação Cristã de Moços para difundir a necessidade de racionalização da produção e para contribuir com a criação de um novo homem, adequado ao tipo de trabalho e de processo de produção originados pelo taylorismo-fordismo. Essa forma de atuação reflete a concepção weberiana¹² de racionalismo, assentada no ascetismo protestante.

Outras estratégias de atuação seriam, por exemplo, a centralização do valor da família no aspecto produtivo, a concepção puritana da questão sexual e o apoio à proibição do consumo de álcool, através da “lei seca” (instituída em 1919 e revogada em 1933). No âmbito da família, os industriais teriam interesses na manutenção dos padrões conservadores de constituição, o que contribuiria para uma melhor performance no trabalho, evitando-se desvios românticos que pudessem permitir a falta de concentração profissional; outro aspecto relacionado é o de que a questão sexual, onde a vida familiar e puritana são consideradas ideais, deve ser encarada como um aspecto específico das questões econômicas, do ponto de vista da manutenção de padrões de higiene e saúde, por exemplo, importantes para o processo produtivo. Deriva dessa questão a forma como a mulher é encarada: se não pode ser vista como um objeto de fantasia e diversão, por um lado, por outro é considerada uma reprodutora, mantenedora da ordem familiar, com atuação sistêmica no capitalismo. Já o consumo de álcool, por contribuir para a destruição ou danificação da força de trabalho, passa a ser visto como um outro problema dentro do processo produtivo, chegando a luta contra o consumo a ser reconhecida como função do Estado, menos por uma questão de saúde pública, mais por suas conseqüências para o mundo do trabalho, como o aumento do absentéismo e a menor capacidade de produção.

Adorno e Horkheimer também abordam a utilização de outras estratégias, como a exploração de bens culturais pelos meios de comunicação de massa, para controle ideológico, para além do campo do trabalho, embora nele se origine. Um primeiro aspecto é o da contraposição entre a chamada “arte burguesa” e a “arte séria”. Esta é entendida como fiel pela liberdade em relação à universalização, aquela considerada um escárnio para tornar contentes os trabalhadores quando longe das máquinas, sendo a diversão considerada um prolongamento do trabalho. A padronização e a repetição dos bens culturais serviriam

¹² Ver WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1998.



também como formas de controle, determinando a apreensão de discursos pela constante exposição às mesmas formas e conteúdos.

Outro aspecto é a opção de estratégia psicológica de atuação, em que os personagens são expostos, sutilmente, como na vida comum, embora com um enredo ficcional, na tentativa de ratificar a necessidade de adaptação às regras do trabalho e a não contestação, com o objetivo de sugerir um caráter de normalidade ao processo.

Essa concepção de que os bens culturais são, ou podem ser, utilizados no controle social, como forma de conquista e persuasão, derivada de Frankfurt; o reconhecimento de que a conquista da hegemonia se dá também em outras esferas que não unicamente a do trabalho, oriunda de Gramsci; assim como a concordância de que os meios de comunicação são largamente utilizados com vistas à difusão de opiniões e ideologia é o que, como exposto, parece querer aproximar os pensamentos. A exposição aqui proposta, portanto, aponta relações entre os pensamentos dos autores elencados, como vê Francisco de Oliveira¹³, outro intelectual brasileiro de renome.

Que dizer de suas reflexões sobre o Estado, que dizer de suas reflexões originais sobre ‘americanismo e fordismo’, em que sintetiza os opostos da produção e da cultura – muito próximo dos frankfurtianos –, antecipando as novas formas da hegemonia norte-americana exatamente porque elas carregavam as novas formas de produção? Gramsci não tem modelos: tem conceitos, cuja paciência infinita – uma de suas heranças hegelianas – interroga, constante e incansavelmente, o real que se põe diante deles. (OLIVEIRA, 2000)

Embora apresente uma visão mais otimista das relações dos meios de comunicação com a sociedade e da possibilidade de utilização daqueles de uma maneira mais efetiva do ponto de vista da formação política da população (o que de certa forma rompe com o pessimismo frankfurtiano de Adorno e Horkheimer), o pensamento gramsciano não pode ser considerado radicalmente conflitante com o dos pensadores de Frankfurt. O fato de estes intelectuais apresentarem previsões menos ou mais otimistas em relação ao futuro não implica necessariamente um conflito, visto que há, como exposto, pontos convergentes nas obras, como também pelo fato de que os pensadores não se obrigam a chegar a conclusões idênticas ou a ter as mesmas expectativas.

Cabe salientar que uma diferença importante é a possibilidade prevista em Gramsci, e aparentemente inexistente nos autores de Frankfurt, de as classes subalternas inverterem o processo de hegemonia a partir, inclusive, da conquista dos chamados *aparelhos privados de hegemonia*, então nas mãos e a serviço das classes dominantes. Mas as concepções

¹³ Professor titular de sociologia do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e ex-presidente do Cebrap-SP (1993-95). Publicou, entre outros, os livros: *Os sentidos da democracia* (organizado com Maria Célia Paoli, 1999), *A economia da dependência imperfeita* (1995), *Collor, a falsificação da ira* (1993), *A economia brasileira: crítica à razão dualista* (1990), *Elegia para uma religião* (1988), *O elo perdido* (1986).



coincidentes de que o controle da sociedade, numa acepção de classe, embora originária da e na exploração do trabalho, desenvolve-se para além desse campo, utilizando-se de recursos diversos para aquele fim, aponta para uma aproximação nos discursos de Gramsci e dos frankfurtianos, mostrando que pode haver convergência na aparente antinomia.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. **Conceito de Iluminismo**, in Os pensadores – Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BENJAMIN, Walter. **O autor como produtor**, in Walter Benjamin, Col. Grandes Cientistas Sociais, org. Kothe, Flavio; coord., Fernandes, Florestan. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- _____. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica** (1935, publicado em 1936), in Os pensadores, vol. XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- _____. **O narrador** (1936), in Os pensadores – história das grandes idéias do mundo ocidental, vol. XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BENJAMIN, Walter et al. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 343 p.
- COUTINHO, Carlos Nelson; NOGUEIRA, Marco A. **Gramsci e a América Latina**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993
- COUTINHO, Carlos Nelson e TEIXEIRA, Andréa de Paula (orgs). **Ler Gramsci, entender a realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA JÚNIOR, José. **Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico-visual**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003
- FREITAG, Barbara. **A teoria crítica ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. **A questão meridional**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, edição de C. N. Coutinho, com a colaboração de L. S. Henriques e M. A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6 vols, 1999-2002.
- _____. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004.
- _____. **Cadernos do cárcere**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- _____. **Cadernos do cárcere**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.
- _____. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001-
- _____. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HABERMAS, Jürgen . **A nova intransparência: a crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas**. Novos Estudos CEBRAP, setembro de 1987, p. 103-114
- _____. **Técnica e ciência enquanto ideologia**. In: BENJAMIN, Walter et al. Textos escolhidos (os pensadores). 2ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**, in Os pensadores – Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- KONDER, Leandro. **Gramsci e a crítica da modernidade**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 jun. 2001, Caderno Idéia-Livros, p.8.
- MARCUSE, Herberth. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982
- MATTELART, Armand et al **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MORAIS, Denis de. **Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural**. Gramsci e o Brasil. Temas/Gramsci. Disponível em <<http://www.artnet.com.br/gramsci/textos.htm>>.
- OLIVEIRA, Francisco de. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000. 6V (apresentação).
- VIANNA, Luiz Werneck. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001. 6V (apresentação).
- WEBER, Max, **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.